



EXCERTO: ***O Rapaz ao Fundo da Sala***, de
Onjali Q. Raúf

A Prof.^a Khan e a senhora do lenço vermelho olharam para baixo e ficaram a ver-me levar as mãos ao bolso para tirar um rebuçado de limão.

— Toma! — disse eu, estendendo-lhe um.

Fiquei com uma certa vergonha, porque o rebuçado estava agora cheio de borbotos. Mas, tenham o aspeto que tiverem, são sempre deliciosos. Acho que devo ter falado muito alto, porque o novo rapaz deu um passo atrás como se estivesse assustado.

— Está tudo bem, Ahmet, podes aceitar — disse a senhora, fazendo-lhe sinal com as mãos como se estivesse a falar em língua gestual.

Mas o novo rapaz agarrou-lhe na mão e escondeu a cara atrás do seu braço. Eu não soube o que fazer, porque nunca tinha assustado uma pessoa a ponto de ela se querer esconder de mim. A senhora voltou a falar-lhe com suavidade e, ao fim de uns segundos, ele pegou no rebuçado e olhou-me de frente com os seus olhos de leão, antes de se esconder de novo.

— Obrigada — disse a senhora. Olhou para mim e sorriu-me. Gostei dos seus olhos castanho-escuros, que pareciam amáveis, e das suas faces rosadas. Mas do que mais

gostei foi a forma como o seu longo cabelo louro e comprido esvoaçava ao vento por debaixo do chapéu. — O Ahmet vai saboreá-lo no caminho para casa.

Acenei com a cabeça e corri para junto da Josie, do Tom e do Michael, que tinham ficado à minha espera. Senti-me muitíssimo feliz, porque a Prof.^a Khan me tinha sorrido com todo o rosto e ainda me tinha piscado o olho, tal como o Pai costumava fazer quando achava que eu tinha feito alguma coisa bem ou quando estava a provocar a Mãe. Quando for grande, hei de piscar o olho às pessoas como ele e fazê-las sentirem-se especiais. A caminho de casa, decidi que, no dia seguinte, piscaria o olho ao novo rapaz o máximo de vezes que conseguisse, sempre que ele olhasse para mim.

O Rapaz ao Fundo da Sala aborda com sensibilidade e empatia a questão dos refugiados através dos olhos inocentes de crianças. Ao acompanhar a jornada de quatro crianças amigas em busca de compreender e ajudar um menino refugiado Sírio, os leitores (de todas as idades) são convidados a refletir sobre a importância da solidariedade e do acolhimento num mundo muitas vezes marcado pela intolerância.

Ao destacar a história de Ahmet, um menino refugiado que foi separado da família e que teve de abandonar o seu país para fugir à guerra, o livro oferece uma oportunidade valiosa para as crianças desenvolverem empatia e

compreensão em relação às realidades enfrentadas por aqueles que são obrigados a deixar os seus lares devido a conflitos e adversidades.

É um livro que desafia preconceitos e promove a aceitação mútua. Permanece como um testemunho da capacidade do ser humano de superar as diferenças e encontrar ligações genuínas que transcendem fronteiras culturais e sociais.

Este excerto coloca em evidência simples gestos, como oferecer um rebuçado, um sorriso ou um piscar de olhos, que têm um poder singular que transcende palavras e alcança corações. Com a leitura desta passagem, acredito que poderia despertar o interesse dos alunos pela obra, já que a curiosidade seria estimulada pela ligação entre o rebuçado, a criança e o adulto. Isso poderia resultar numa variedade de perguntas e sugestões, cada uma única e diferente da outra, tão do agrado das crianças.

Cada gesto de aceitação e acolhimento é uma luz que ilumina os caminhos daqueles que se sentem perdidos ou marginalizados, como é o caso do menino Sírio Quando um grupo de amigos decide estender a mão para receber e integrar aquele que é diferente, cria-se um ambiente de pertença e solidariedade que nutre a alma.

A importância desses gestos vai além do simples ato de receber alguém. Eles representam uma declaração de compromisso com a igualdade, a justiça e a compaixão. Ao acolhermos os outros, estamos a reconhecer a sua humanidade e o seu valor intrínseco, independentemente das suas origens, crenças ou circunstâncias.

Além disso, a aceitação e o acolhimento não apenas beneficiam aqueles que são recebidos, mas também enriquecem aqueles que os recebem. Ao abraçarmos a diversidade e ao aprendermos com as experiências e perspectivas dos outros, expandimos os nossos horizontes e fortalecemos a nossa própria compreensão do mundo.

A prática da aceitação e do acolhimento contribui para a construção de sociedades mais inclusivas e resilientes, onde todos têm a oportunidade de prosperar e contribuir para o bem-estar coletivo. É através de gestos simples, porém poderosos, que podemos transformar as sociedades e criar um futuro mais justo e solidário.